

Algumas considerações sobre "A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher" (1920)

*Some considerations about The psychogenesis
of a case of homosexuality in a woman - 1920*

*Thalita Lacerda Nobre**

Resumo

Este artigo discute os principais pontos analisados por Freud a respeito da homossexualidade da jovem Sidonie. Tem por objetivo discutir também os aspectos relacionados à bissexualidade, a relação entre mãe e filha no destino psíquico homossexual, o complexo de Édipo e a escolha narcísica de objeto. Para isso, procurei compor o estudo respeitando o momento histórico da obra freudiana, buscando não ultrapassar as postulações teóricas no momento em que ocorreram.

Palavras-chave: *homossexualidade feminina, psicanálise, perversões.*

Abstract

This article discusses the main points analyzed by Freud, related to young Sidonie's homosexuality. It aims to focus on the bisexuality aspects, the relationship between mother and daughter and homosexual psychic destination, the Oedipus complex and the narcissistic choice of object. To do so, I tried to compose the study respecting the historical moment in Freud's work, trying, however, not to exceed the theoretical postulations at the time they happened.

Keywords: *female homosexuality, Psychoanalysis, perversions.*

* Psicóloga Clínica graduada pela Universidade Católica de Santos, Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Especialista em Gestão Estratégica de Recursos Humanos pelo Depto de Ensino e Pesquisa do Exército brasileiro/Universidade Castelo Branco (Cátedra Unicef), Profa. e supervisora de estágios na UNIP-Santos e trabalha em consultório particular. E-mail: thalita_l@yahoo.com.br

Este ensaio de Freud, publicado em 1920, pode ser entendido como continuidade aos postulados freudianos a respeito do complexo de Édipo, não somente como complexo nuclear das neuroses, mas da constituição psíquica do indivíduo em geral.

O interesse de Freud pelas perversões, então considerada como desvios em relação ao objeto sexual normal bem como ao objetivo sexual, figura em sua obra desde 1905, com a publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

Em 1919, em *Uma criança é espancada*, o criador da psicanálise debruçou-se sobre a compreensão da gênese das perversões, enfocando o sadismo e o masoquismo.

No ano seguinte, em 1920, publicou o que viria a ser seu último relato de caso clínico. Conforme Quinodoz (2007) entende, Freud "(...) não os divulgará mais por motivos de confidencialidade."

Este ensaio, que marca as importantes contribuições psicanalíticas dos anos 20, inicia-se com a exposição ao leitor das postulações freudianas a respeito da homossexualidade nas mulheres, inserindo as principais questões a serem discutidas durante o trabalho, como a questão da bissexualidade, da relação da menina que se torna homossexual com sua mãe e da impossibilidade de o paciente abandonar sua fonte de prazer, tornando, por isso, muito difícil o trabalho de análise.

É importante notar que a psicanálise freudiana, neste período, já havia realizado grandes progressos; porém, ainda outros mais importantes estariam por vir. Sendo assim, conforme Violante escreve:

Quando Freud relatou esse caso, em 1920, em sua obra ainda vigoravam, entre outras, as seguintes noções: primeira tópica, primeira teoria pulsional, primeira teoria da angústia, complexo de Édipo simples e o complexo de Édipo feminino era considerado como o masculino *mutatis mutandis*. (2005, p. 197)

Deste modo, é importante considerar que as concepções freudianas a respeito da importância da mãe para a constituição psíquica de meninas e meninos, o complexo de Édipo feminino, sua articulação com o complexo de castração, os três destinos psíquicos possíveis à menina, a partir da

resolução edípiana e da castração, ainda não haviam sido postulados e, por isso, devem ser considerados na leitura possível que faremos deste caso clínico em questão.

Por outro lado, é importante salientar que a exposição deste caso trouxe grande riqueza às concepções freudianas a respeito da clínica das perversões, bem como acerca do complexo de Édipo em suas formas positiva e negativa, conforme Freud descreverá três anos depois, em *O ego e o id* (1923).

A psicanalista Malvine Zalberg destaca também a importância deste caso clínico para as postulações freudianas. Segundo ela:

O caso da jovem homossexual é exemplar pois representa um marco no pensamento freudiano: para além do pai, há a relação da menina com a mãe a ser considerada. Há mesmo, descobre uma relação anterior ao Édipo propriamente dito na menina, postulando que a homossexualidade da jovem – amar alguém do mesmo sexo – era provavelmente a continuação direta, não modificada, de uma fixação infantil com a mãe. (2003, p. 32)

É em 1927, com o ensaio *Fetichismo*, que o criador da psicanálise postula que na perversão há um conflito entre o reconhecimento e a recusa da castração. Em suas palavras:

O fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que – por razões que nos são familiares – não deseja abandonar. O que sucedeu, portanto, foi que o menino se recusou a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher não tem pênis. Não, isso não podia ser verdade, pois, se uma mulher tinha sido castrada, então sua própria posse de um pênis estava em perigo, e contra isso ergueu-se em revolta a parte de seu narcisismo que a Natureza, como precaução, vinculou a esse órgão específico. (Freud, (1927) 1996, p. 155-6)

Assim, para Freud, a eleição de um objeto específico para o fetichista demonstra a necessidade em reconhecer a castração e, ao mesmo tempo recusá-la, somente obtendo prazer sexual quando há a presença deste objeto eleito que substitui o pênis que algum dia ele acreditou que a mãe possuía.

Está, portanto, a perversão no campo da pré-genitalidade, pois o sujeito não pode desfalicizar a mãe da infância, aceitando e recusando a castração.

Com relação à homossexualidade, há o desvio em relação ao reconhecimento da castração. A recusa estaria situada exatamente na desconsideração da diferença sexual. Conforme Laplanche e Pontalis (1992, p. 343) ressaltam, “(...) a homossexualidade não é anormal porque é condenada, e não deixa de ser uma perversão nas sociedades ou grupos onde é muito difundida e admitida”.

Assim, é possível considerar que a psicanálise criada por Freud, desde os primeiros trabalhos que se ocupam das perversões, inclui não o aspecto moral, mas o aspecto de constituição psíquica humana. É esse interesse – a respeito da constituição do psiquismo normal e patológico – que podemos observar no caso da jovem homossexual.

Freud inicia o ensaio salientando que a jovem Sidonie chegou até ele por imposição do pai, que estava preocupado com as atitudes da filha, que havia algum tempo que demonstrava interesse por mulheres. A preocupação paterna situava-se em torno do comportamento da jovem no contexto da sociedade de Viena. A mãe não se importava com o comportamento da filha.

Nos últimos tempos, a jovem passou a não considerar as repressões paternas e passou a investir explicitamente em uma “dama da sociedade”, que a desprezava, era 10 anos mais velha do que ela e “(...) vivia com uma amiga, uma mulher casada, com quem tinha relações íntimas ao mesmo tempo que mantinha casos promíscuos com certo número de homens” (Freud, (1920) 1996, p. 159).

De acordo com os relatos freudianos, a jovem começou a mentir para os pais dizendo que iria para alguns lugares, quando na verdade iria encontrá-la. Além disso, passou a não sentir pudores em ser vista pela sociedade ao lado da mulher.

Um dia, o pai encontrou a filha em companhia desta dama e demonstrou seu descontentamento. A jovem então, se jogou, numa atitude suicida, na linha do trem, ficando seriamente adoentada e, com sorte, se recuperou. Depois disso, tanto os pais quanto a *cocotte*, que a desprezava, passaram a ser mais amistosos com a menina.

O LUGAR DOS PAIS E DOS FILHOS NA FAMÍLIA

De acordo com o relato freudiano do caso, o pai aparentava ser um senhor distinto, muito preocupado com a manutenção da ordem e dos bons costumes familiares.

A mãe parecia ser uma mulher jovem, atraente, que gozava de “grande admiração por parte do marido”. De acordo com Freud, ela soube antes do pai, da paixão vivida pela filha e não havia tomado partido na situação, exceto pelo fato da menina se expor publicamente de modo constante.

Outro ponto importante em relação à mãe é que ela tratava os filhos homens de modo diferente, estes tinham maiores privilégios no trato com ela, ao passo que a jovem, como a única filha, não tinha a consideração materna.

Com relação à garota, Freud destaca que, durante o tratamento, era sempre reservada no que dizia à mãe, mas não no que dizia respeito ao pai.

Era a segunda filha de uma família de homens: seu irmão mais velho tinha apenas 11 meses a mais do que ela; depois nasceu Sidonie; então um irmão mais novo 5 anos e, em seguida, um outro menino nasceu quando a jovem tinha por volta de 16 anos.

SIDONIE E A CLÍNICA DAS PERVERSÕES

A partir da exposição do caso e da constelação familiar, anteriormente apresentados, Freud postula alguns importantes aspectos referentes à clínica das perversões.

O vienense considera, inicialmente, dois aspectos primordiais na clínica: o primeiro seria que a busca pela análise adveio do pai da jovem e o segundo residiria no fato de a mesma afirmar à Freud que não percebia necessidade de análise, pois não estava “(...) de modo algum doente (não sofria em si de nada, nem se queixava de sua condição)” (Freud, (1920) 1996, p. 162).

A respeito do fato de o paciente, que possui uma constituição psíquica situada entre as neuroses e as psicoses não demandar análise, Freud explicita o seguinte:

(...) o paciente não demanda análise pois não quer que lhe tirem a fonte de prazer. Se algo no campo das perversões lhe traz prazer, não deseja que a análise lhe tire isso, portanto, ao analista, refere não ter conflito algum. Assim: o homossexual não é capaz de abandonar o objeto que o abastece de prazer e não se pode convencê-lo de que, se fizesse a mudança, descobriria em outro objeto o prazer a que renunciou. (Idem)

Desta forma, é possível compreender que o paciente pode até procurar análise, não porque quer se ver livre de seu objeto de prazer, mas sim, porque talvez sinta que está causando sofrimento às pessoas de quem gosta. Além disso, a análise pode ser buscada como forma de mostrar, àqueles que o cercam, que está tentando todo o possível para lutar contra o que lhes causa sofrimento.

A esse respeito, ou seja, à busca da análise como forma de amenizar o sofrimento das pessoas que a cercavam, a própria jovem disse a Freud "(...) ser incapaz de imaginar outra maneira de enamorar-se, mas acrescentou que, por amor aos pais, auxiliaria honestamente no esforço terapêutico, de vez que lhe doía muito ser-lhes a causa de tanto pesar" (idem, p. 164).

Sendo assim, Freud compreende que a homossexualidade, em si mesma, não é fonte de sofrimentos, portanto, a demanda de análise não poderia vir de Sidonie e não teria sua base na tentativa de modificação de sua escolha de objeto sexual. Esta constatação levou Freud a postular que não há como reverter um caso de homossexualidade, assim como não há como reverter heterossexualidade, pois "(...) depende de uma restrição na escolha do objeto" (idem, p. 162).

Com esta postulação, Freud reitera a respeito da escolha objetal dos homossexuais, a escolha narcísica de objeto, tal como discutiu anteriormente em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910) e em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914).

Neste ensaio de 1914, Freud amplia a questão a respeito da escolha de objeto anaclítica e narcísica, enfatizando que, nos casos de homossexualidade, a escolha é narcísica. Em suas palavras:

Descobrimos, de modo especialmente claro, em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como

modelo não sua mãe mas seus próprios eus. Procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado “narcisista”. (Freud, (1914) 1996, p. 94)

Conforme Freud mesmo explicita neste ensaio, a escolha de objeto narcisista ocorre de acordo com o que o próprio sujeito é, o que ele foi, o que ele gostaria de ser e de acordo com alguém que foi uma vez parte dele mesmo (idem, p. 97).

Sendo assim, seguindo o raciocínio de que na perversão sexual há o reconhecimento e a recusa da castração materna (fixação na mãe fálica), é possível considerar que a escolha narcísica de objeto é a escolha, como objeto amoroso, de alguém que representa a mãe fálica.

Uma questão levantada por Freud é como se estabelece a escolha de objeto invertido, neste caso específico. Escreve ele:

O que certamente tem importância maior é a jovem, em seu comportamento para com seu objeto amoroso, haver assumido inteiramente o papel masculino, isto é, apresentava a humildade e a sublime supervalorização do objeto sexual tão características do amante masculino, a renúncia a toda satisfação narcisista e a preferência de ser o amante e não o amado. Havia, assim, não apenas escolhido um objeto amoroso feminino, mas desenvolvera também uma atitude masculina para com esse objeto. (Freud, (1920) 1996, p. 165-6)

Dessa forma, é possível considerar, conforme Freud postula, que a jovem apresentou uma identificação com o pai e uma escolha de objeto próprio ao complexo de Édipo negativo.

Neste ponto, é importante voltar a salientar que, na época da descrição deste caso clínico, as concepções freudianas giravam em torno da primeira tópica e do entendimento acerca da neurose; por isso, a ênfase maior é com relação ao complexo de Édipo positivo (com a consideração de que ocorre com as meninas o mesmo que com os meninos, *mutatis mutandis*), onde Freud tende a direcionar seu raciocínio psicanalítico em torno da questão da jovem com o pai. As questões relativas à primitiva ligação com a mãe ainda não estão claras neste ensaio.

Como o interesse freudiano estava centrado na ocorrência do complexo de Édipo, outro ponto considerado por ele na análise da jovem homossexual, foi o fato de, aos 13 anos, ter desenvolvido uma amizade com um casal que tinha um filho pequeno.

Neste ponto, Freud, muito entusiasta acerca da constituição psíquica de sua paciente, conjectura que ela poderia estar desenvolvendo ai seu desejo de ter filhos. Porém, o que o intrigou foi o caminho da inversão, ou seja, o fato dela logo em seguida passar a demonstrar interesse por mulheres maduras.

É ai que Freud interpreta que, possivelmente, deva ter ocorrido um fato de muita relevância que a fez abandonar este desejo de filhos. Este fato poderia estar ligado à revivescência do complexo de Édipo (na puberdade) e os conflitos vividos durante este período.

Talvez pelo interesse na postulação acerca das neuroses, Freud tenha deixado de lado o pensar a respeito do interesse de Sidonie pelas mulheres mães nos casais com filhos.

Sendo assim, Freud postulou que um fato marcante, que possivelmente tenha influenciado cabalmente no abandono do desejo da jovem em ter filhos foi a gravidez da mãe de Sidonie. Nesta ocasião, a jovem estava com 16 anos e, talvez, estivesse desejando, inconscientemente, um filho do pai. Porém, deparou-se com a difícil realidade de saber que a mãe o teve. Então, em consequência deste desgosto, abandonou o pai como objeto de escolha e, como consequência, generalizou o abandono a todos os homens.

Freud discute que essa inversão no complexo de Édipo é diferente do esperado, pois "(...) ela se transformou em homem e tomou a mãe, em lugar do pai, como objeto do seu amor" (idem, p. 170). É ai que acredito estar presente o mecanismo de recusa da castração, pois seu desejo se direciona ao objeto sem considerar a diferença sexual. A diferença sexual torna-se insuportável de ser reconhecida pelo homossexual.

Porém, neste ponto concordo com Violante, quando escreve que Freud talvez tenha cometido um equívoco ao considerar somente o nascimento de seu irmão caçula. Em suas palavras:

Ora, isso (o nascimento do irmão aos 16 anos)¹ só poderia ter algum efeito na constituição psíquica da moça, se naquela idade, ou seja, na adolescência, ela estivesse revivendo seu complexo de Édipo, que, aos cinco anos, quando seu outro irmão nasceu, não deve ter tido resolução favorável à consolidação de seu acesso à feminilidade. (2005, p. 196)

Assim, entendo que Freud não levou em conta o lugar de Sidonie na constelação familiar e, em um momento anterior, o nascimento de seu irmão mais jovem (quando ela tinha 5 anos), além das identificações confusas com a mãe que, conforme dito anteriormente, não oferecia o mesmo tratamento para os filhos meninos e para Sidonie. A mãe a rejeitava.

Freud compreendeu, apesar de não estar ainda em tempo de desenvolver essa questão, que a “(...) amada era uma substituta da mãe” (Freud, 1920 (1996), p. 168). O que torna possível entender a regressão ocorrida no complexo de Édipo da jovem, ficando esta fixada na mãe como objeto de escolha.

A fim de corroborar este raciocínio a respeito da fixação da menina em sua mãe, Hélio Pelegrino em seu ensaio intitulado *Édipo e a paixão*, propõe que nos primeiros momentos da vivência do bebê:

Quanto pior for esta relação (entre mãe e bebê)², quanto menos se sentir a criança amada e protegida pela figura materna, mais se agarrará a ela, e mais devastadoras serão as paixões desencadeadas na etapa posterior. Ao contrário, se a relação for boa e amorosa, mais facilidade terá a criança de aceitar o corte separador que, com a interdição do incesto, a afasta da mãe. (1987, p. 310)

Deste modo, é possível pensar que na fase oral, quando a relação mãe-criança começa a ser construída, quanto menos a criança receber amor e cuidados dessa mãe, haverá maior tendência a se fixar nela. Ao passo que, quanto mais amor e proteção obtiver do primeiro objeto, a criança encontrará maior facilidade na separação, mediante a interdição do incesto.

Em “As múltiplas faces de Eros” (1997), a psicanalista Joyce McDougall (1997, p. 15) escreve que, na primitiva fase de ligação com a

1 Parênteses meus

2 Parênteses meus

mãe, “a libido homossexual feminina serve para enriquecer e estabilizar a auto-imagem narcísica”. Assim, para esta autora, por meio da relação com a mãe, a menina constitui um apreço pelo corpo materno e por seu próprio, e ao longo de seu desenvolvimento psíquico, “(...) deixa de querer *ter* a mulher a fim de *ser* a mulher” (idem, ibidem).

Porém, conforme Freud escreve no caso da jovem Sidonie, não foi isso que ocorreu, assim conforme podemos observar, a menina não recebeu de sua mãe a valorização e o corte necessário para que ela estimasse sua auto-imagem, pelo contrário, a relação de pobreza afetiva com a figura feminina permitiu que ela se aferrasse mais ainda a uma tendência a *ter* a mulher.

Freud percebeu ao longo da análise, que a jovem não recebeu reconhecimento por ser filha e menina, mas rivalidade materna que perdurou por longo tempo. Escreve ele:

A jovem que estamos considerando tinha, de modo geral, poucos motivos para sentir afeição pela mãe. A mãe, moça ainda, via na filha, que se desenvolvia rapidamente, uma competidora inconveniente; favorecia os filhos em detrimento dela, limitava-lhe a independência tanto quanto possível e mantinha vigilância especialmente estrita contra qualquer relação mais chegada entre a jovem e o pai. (Freud, (1920) 1996, p. 169)

Assim, conforme Freud mesmo observa, além de ser tratada com certa indiferença pela mãe, Sidonie aparentou ter sido tomada por esta como uma “competidora inconveniente”.

Malvine Zalberg (2003, p. 32) observa este aspecto da homossexualidade da jovem explicitando que “a questão é que a mãe tem exclusividade do pai: jovem e bonita, ela tinha ciúme da proximidade da filha com o pai”.

Sendo assim, acredito que a mãe (com a cumplicidade paterna) reservou à filha um lugar de competição e não propriamente um lugar de filha, o que nos permite pensar em uma dificuldade materna em inserir o corte separador do desejo incestuoso da menina pela mãe fálica.

Freud somente mais de uma década adiante, em seus estudos psicanalíticos sobre a *Feminilidade*, postulará que ao contrário do menino, o complexo de castração insere a menina no complexo de Édipo positivo.

Outro ponto interessante a ser observado no caso em questão é a respeito da relação triangular permeada pela cumplicidade dos genitores, conforme o mestre mesmo percebe:

Era notável, também, que ambos os genitores se comportavam como se entendessem a psicologia secreta da filha. A mãe era tolerante, como se apreciasse a ‘retirada’ da filha como um favor feito a ela; o pai se enfurecia, como se compreendesse a vingança deliberada dirigida contra ele. (Idem, p. 171)

Deste modo, apesar de Freud estar voltado, preponderantemente, a compreensão do complexo de Édipo positivo, acredito que com esta exposição anterior, talvez tenha observado a respeito do que a psicanalista Piera Aulagnier viria, mais adiante, desenvolver a respeito das perversões.

Para esta psicanalista, as perversões somente se tornam possíveis com o consentimento de uma mãe cúmplice. Em suas palavras, na perversão, há “(...) um estado de cumplicidade transitória entre a mãe e a criança e a transferência, para o exterior do casal por eles formado, do veredito de uma lei que aparece, inicialmente, como iníqua” (Aulagnier (1975) 1979, p. 141).

Deste modo, conforme as contribuições desta psicanalista, o sujeito que se encontra no campo das perversões – e aí se inclui a homossexualidade – é aquele cuja relação com a mãe foi permeada pela cumplicidade que facilitou o mecanismo de recusa da castração simbólica.

Então, os diversos acidentes no percurso do desenvolvimento libidinal da jovem auxiliaram na constituição psíquica com a saída homossexual para a escolha de objeto. Assim, a ligação entre o lugar confuso reservado pelos pais, bem como a cumplicidade paterna facilitaram que a escolha objetal de Sidonie estivesse mais voltada a escolha narcísica, isto é, de uma mãe fálica.

Porém, em Sidonie, vemos que o envolvimento com a “dama de sociedade” não foi propriamente um relacionamento amoroso caracterizado somente pela recusa da diferença sexual, a jovem buscava o reconhecimento e a atenção de uma mulher que ignorava seus sentimentos.

A respeito das relações assimétricas, isto é, aquelas que excluem “(...) uma relação passional compartilhada ou recíproca” (Aulagnier (1979) 1985, p. 154), a psicanalista Piera Aulagnier (idem) postula que há um caráter

masoquista, já que “o masoquista estabelece sua relação com um outro que efetivamente se engaja tanto quanto ele. A paixão pode ser vivida com alguém para quem somos relativamente indiferentes” (idem, p. 156).

Sendo assim, a partir das postulações de Aulagnier é possível pensar que Sidonie tenha vivido com a *cocotte*, uma relação passional assimétrica, marcada pelo sofrimento intenso e pela idealização do objeto.

Outro ponto a ser levantado a respeito deste caso analisado por Freud é acerca da indiferença ou até mesmo da possível reação terapêutica negativa observada na jovem em relação ao tratamento.

Freud escreve a este respeito que: “o azedume contra os homens, via de regra, é fácil de ser gratificado com o médico; não precisa evocar quaisquer manifestações emocionais violentas, simplesmente expressa-se pelo tornar fúteis todos os esforços dele e pelo aferrar-se à doença” (Freud, (1920) 1996, p. 175).

Essa pode ser considerada uma expressão da pulsão de morte voltada a si mesmo, porém, Freud por estar situado na primeira teoria pulsional, além de considerar que a hostilidade estava voltada ao pai, entendeu que poderia contornar a questão da reação terapêutica negativa aconselhando os pais a buscarem ajuda terapêutica com uma analista do sexo feminino.

Uma outra consideração explicitada por Freud neste ensaio, é acerca da identificação masculina. A este respeito, Freud analisa com maior profundidade as atitudes “masculinas” da paciente homossexual. Assim, escreve que:

(...) todos esses pequenos traços seus se assemelhavam à primeira e apaixonada admiração de um jovem por uma atriz célebre, a quem considera estar em plano muito mais alto do que ele e para quem mal se atreve a levantar os acanhados olhos. A correspondência com ‘um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens’ que descrevi noutra parte (1910*h*) e cujas características especiais remeti à ligação com a mãe, aplicava-se mesmo nos menores detalhes. (Idem, p. 172)

Porém, mesmo com uma identificação masculina, Freud atenta, neste ensaio, para uma importante descoberta: a de que há uma bissexualidade original nos seres humanos. Deste modo, ele se debruça nos conceitos de masculino e feminino – que serão ampliados nos anos seguintes, quando

produz os ensaios referentes ao complexo de Édipo e à fase fálica – e completa escrevendo que reduzir a masculinidade à atividade e feminilidade à passividade “(...) não nos diz o bastante” (idem, p. 183).

Como último ponto a ser levantado, Freud deixa bem claro que após este ensaio, as descobertas em psicanálise permitem rejeitar todas as teses sexológicas da época. Escreve ele: “Se tomarmos em consideração essas descobertas, evidentemente, cai por terra a suposição de que a natureza criou, de maneira aberrante, um ‘terceiro sexo’” (idem, p. 182).

Sendo assim, a homossexualidade torna-se na obra freudiana um desvio a sexualidade normal, algo a ser investigado pela psicanálise nos anos seguintes.

Freud também, ao final deste ensaio, rechaça a concepção da existência dos aspectos homossexuais em heterossexuais, porém avança um pouco mais nas concepções acerca do complexo de Édipo positivo.

Para finalizar, acredito ser importante destacar que Freud enfatiza, neste ensaio, a questão relativa ao objetivo da psicanálise. Em suas palavras:

Não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo. Ela deve contentar-se com revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até às disposições instintuais. (Idem, *ibidem*)

Assim, com este ensaio, Freud avança nos conceitos referentes a uma das pedras fundamentais da psicanálise, que é o complexo de Édipo articulado com o complexo de castração, voltados à sexualidade feminina. Além disso, a análise de Sidonie permitiu auxiliar na adequação do campo de estudo que compete à teoria psicanalítica.

A medida que o mestre reitera que não há pretensão em trazer solução, isto é, cura à homossexualidade, permite colocar teoria e prática psicanalíticas em um campo sem pretensão narcísica de moldar seres humanos, mas sim, entendê-los em sua complexidade.

REFERÊNCIAS

- Aulagnier, Piera (1975). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- Aulagnier, Piera (1979) *Os destinos do prazer: alienação – amor – paixão*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- Freud, Sigmund (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, Sigmund (1920). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. ESB, vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, Sigmund (1927). *Fetichismo*. ESB, vol. XXI, 1996.
- Laplanche, Jean e Pontalis, Jean Bertrand (1992). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- McDougall, Joyce (1997). *As múltiplas faces de Eros – uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pellegrino, Hélio (1987). Édipo e a Paixão. In: CARDOSO, Sérgio et. al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras.
- Quinodoz, Jean-Michel (2007). *Ler Freud*. Porto Alegre: Artmed.
- Violante, Maria Lucia Vieira (2005). Algumas notas sobre a histeria e a homossexualidade femininas. *Trieb*, vol. IV, pp.191-203.
- Zalberg, Malvine (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Elsevier.